ISSN 2594-9063

https://doi.org/10.30681/traos.v10i1.15658

A noção e a tradução interlínguas: um estudo enunciativo da unidade linguística fuck/fucking

The notion and interlingual translation: an enunciative study of the Linguistic unit fuck/fucking

Andreana Carvalho de Barros Araújo[1]
Universidade Estadual do Maranhão

Isael da Silva Sousa[2]
Universidade Estadual do Maranhão

Como citar este trabalho:
ARAÚJO, A. C. de B.; SOUSA, I. da S. A noção e a tradução interlínguas: um estudo enunciativo da unidade linguística fuck/fucking. **Traços de Linguagem**, v. 10, n. 1, p. 173-182, 2026.

RESUMO: Este artigo investiga, sob uma perspectiva semântico-enunciativa, o funcionamento da unidade linguística fuck e de sua forma derivada fucking em situações de tradução interlínguas do inglês para o português brasileiro. A análise fundamenta-se na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), de Antoine Culioli (1990, 1999a, 1999b, 2018) e os seus sequenciadores. Parte-se da hipótese de que a tradução não consiste na substituição termo a termo entre duas línguas, mas na (re)construção de valores referenciais a partir das operações realizadas em cada situação enunciativa. O corpus reúne ocorrências de fuck e fucking selecionadas de um material audiovisual, confrontando as versões de dublagem e legendagem em português. O percurso analítico mostra que uma mesma unidade de partida desencadeia diferentes escolhas na língua de chegada: fuck pode ser realizado por formas como foder, fodido, puto, puta merda e droga, ou ainda ser apagado na legendagem; fucking, por sua vez, apresenta predominância de porra na dublagem e forte apagamento na legendagem. Mais do que apontar equivalentes lexicais, a análise explicita deslocamentos dentro de um domínio nocional, nos quais diferentes marcas linguísticas atualizam, em graus diversos, uma mesma orientação avaliativa e afetiva. Conclui-se que a tradução interlínguas pode ser compreendida como atividade de regulação e reconstrução, na qual a língua de chegada reorganiza as relações entre a unidade traduzida, seu cotexto e a situação de enunciação.
PALAVRAS-CHAVE: Noção. Tradução interlínguas. Enunciação. Domínio nocional. TOPE.

ABSTRACT: This article investigates, from a semantic-enunciative perspective, the functioning of the linguistic unit fuck and its derived form fucking in interlingual translation from English into Brazilian Portuguese. The analysis is grounded in Antoine Culioli's Theory of Predicative and Enunciative Operations (TOPE) (1990, 1999a, 1999b, 2018) and its sequencers. The study starts from the hypothesis that translation does not consist of a term-by-term substitution between two languages, but rather in the reconstruction of referential values based on the operations performed in each enunciative situation. The corpus comprises occurrences of fuck and fucking in audiovisual material, comparing their dubbed and subtitled versions in Brazilian Portuguese. The analysis shows that the same source-language unit may trigger different choices in the target language: fuck is rendered as foder, fodido, puto, puta merda, droga, and merda, and may also be omitted in subtitling; fucking, in turn, predominantly corresponds to porra in dubbing and is frequently omitted in subtitling. Rather than identifying lexical equivalents, the analysis reveals shifts within a notional domain, in which different linguistic markers actualize, to varying degrees, the same evaluative and affective orientation. It is concluded that interlingual translation can be understood as an activity of regulation and reconstruction through which the target language reorganizes the relations among the translated unit, its co-text, and the enunciative situation.
KEYWORDS: Notion. Interlingual Translation. Enunciation. Notional Domain. TOPE.

[1] Doutora em Letras/Linguística pelo PPGEL/UFPI. Professora de Linguística na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: andreana.cba@ufpi.edu.br
[2]Doutor em Linguística pelo PPGL/UNEMAT/Cáceres. Professor de Linguística na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), professor permanente do PPGEL/UFPI e professor colaborador do PPGL/UNEMAT. É pesquisador do grupo de Estudos da Teoria das Operações Enunciativas (GETOE/CNPq/UFPI), vice-líder do Grupo de pesquisa Variação e Invariantes na Linguagem (CNPq/UNEMAT), e líder do Grupo de Pesquisa em Estudos Léxico-Gramaticais Enunciativos (INTERASIG/CNPq/UEMA). E-mail: isaelsousah@gmail.com.

Introdução

A passagem de uma língua para outra envolve mais do que a substituição de unidades linguísticas. Ela implica a (re)construção de relações de sentido em condições enunciativas específicas, nas quais se articulam o cotexto, o contexto, os valores atribuídos às formas e as possibilidades oferecidas pela língua de chegada. Por isso, a tradução constitui um campo privilegiado para observar o funcionamento da linguagem, uma vez que torna visíveis os ajustamentos necessários para que uma unidade linguística seja reconhecida e interpretada em outra língua.

Essa perspectiva afasta uma concepção de tradução baseada em equivalências fixas. Como observa Arrojo (1986), os significados não podem ser simplesmente transportados de uma língua para outra como se fossem conteúdos estáveis. Bassnett (2003), igualmente, mostra que a tradução envolve relações semânticas, sintáticas e pragmáticas e que, em determinados casos, a identidade expressiva exige o abandono de elementos formais da língua de partida. O problema, portanto, não é descobrir uma unidade linguística equivalente, mas compreender quais operações permitem que determinada orientação de sentido seja reconstruída na língua de chegada.

É justamente nesse ponto que a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), desenvolvida por Antoine Culioli (1990, 1999a, 1999b, 2018), oferece instrumentos pertinentes. Ao conceber a significação como resultado de operações de representação, referenciação e regulação, a teoria permite tratar a tradução como uma atividade de reconstrução de valores referenciais e não como simples correspondência entre unidades linguísticas. Nessa abordagem, uma unidade linguística não possui um valor semântico integralmente determinado fora de seus empregos; sua identidade se manifesta por meio das relações que contrai nos enunciados.

O problema de pesquisa que orienta este estudo pode ser formulado da seguinte maneira: como uma mesma unidade linguística, ao passar do inglês para o português brasileiro, reorganiza seu domínio nocional em diferentes situações de enunciação e por meio de diferentes escolhas de tradução? A questão conduz a uma segunda indagação: que movimentos de identificação, diferenciação, aproximação e afastamento podem ser observados quando se confrontam as soluções de dublagem e de legendagem?

Nosso objetivo geral é compreender como se reorganizam os valores nocionais associados a fuck e fucking no processo de tradução interlínguas. Especificamente, buscamos: (i) identificar as ocorrências das unidades no material audiovisual; (ii) descrever as relações estabelecidas entre cada ocorrência e seu cotexto; (iii) confrontar as soluções de dublagem e legendagem; e (iv) explicitar, à luz da TOPE, os deslocamentos observados no domínio nocional.

O *corpus* analisado reúne 7 ocorrências de *fuck* e 21 ocorrências de *fucking*, extraídas do filme *O Lobo de Wall Street* (*The Wolf of Wall Street*), dirigido por Martin Scorsese, confrontadas em suas versões de dublagem e legendagem para o português brasileiro. A análise, sob a égide da TOPE, é qualitativa e toma as frequências apenas como apoio à descrição, evitando transformar a recorrência estatística em explicação do fenômeno. O interesse central está nos processos de construção de valores: procuramos observar o que se mantém como orientação semântico-enunciativa e o que se transforma em função das relações estabelecidas em cada enunciado.

Este artigo está organizado em quatro seções, além desta introdução. Na segunda, apresentamos os conceitos de noção, domínio nocional, ocorrência, atrator e gradiente. Na terceira, explicitamos a perspectiva enunciativa da tradução e os procedimentos analíticos empregados. Na quarta, analisamos as ocorrências de *fuck* e *fucking*,

comparando dublagem e legendagem e reconstruindo os movimentos no domínio nocional. Por fim, apresentamos as nossas considerações finais.

Do conceito de Noção à construção do Domínio Nocional

Na TOPE, a linguagem é compreendida como uma atividade de representação de significação que é acessível somente por meio de sequências textuais, que são traços de operações. Essa concepção impede que se estabeleça uma relação rígida entre unidades linguísticas e sentido, pois o último não é entendido como um conteúdo pronto que as unidades simplesmente transportariam.

Posto isso, Culioli (1990) concebe a noção como um feixe de propriedades físico-culturais, constituído por uma representação complexa dessas propriedades. A noção constitui uma forma virtual de representação não-linguística da atividade simbólica, ligada ao estado de conhecimento e à atividade de elaboração das experiências, em outras palavras,

> São sistemas de representações complexas de propriedades físico-culturais, ou seja, propriedades de objetos resultantes de manipulações necessariamente tomadas na cultura e, desse ponto de vista, falar da noção é falar de problemas que são da alçada disciplinas que não podem ser trabalhadas apenas pela linguística (Culioli, 1990, p. 50).[3]

A noção não corresponde, portanto, a uma unidade linguística. Culioli (1990, 1999a) insiste na inadequação entre noção e unidade linguística: não existe uma relação de um para um entre uma noção e uma unidade linguística. Uma mesma unidade pode participar de diferentes construções e assumir valores distintos, assim como uma mesma orientação nocional pode ser atualizada por diferentes marcas. É essa propriedade que torna a tradução particularmente produtiva para a análise enunciativa: a passagem entre línguas expõe a não coincidência entre formas e valores.

A noção não se confunde com sua realização linguística e pode ser reconstruída pelo linguista a partir das ocorrências que a atualizam. Cumpri (2008) destaca, nessa perspectiva, o papel do texto como espaço de representação, referenciação e regulação. Ao produzir um enunciado, o sujeito enunciador organiza representações e ajusta suas escolhas às condições da situação e às possibilidades de reconhecimento pelo coenunciador. A atividade de linguagem envolve, assim, um trabalho contínuo de estabilização provisória do sentido.

É nesse movimento que se constitui o domínio nocional. Se a noção pode ser entendida como uma representação complexa de propriedades físico-culturais, o domínio nocional corresponde ao espaço em que suas ocorrências podem ser identificadas, diferenciadas e organizadas. A constituição desse domínio envolve, assim, a apreensão da noção por meio de ocorrências distintas, localizadas em situações específicas.

A ocorrência não é uma simples cópia da noção. Ela resulta da atualização de propriedades nocionais em uma situação determinada. Por isso, duas ocorrências podem ser identificadas como pertencentes ao mesmo domínio e, simultaneamente, apresentar diferenças quanto ao grau de aproximação em relação a um centro organizador. A noção de atrator permite justamente pensar esse centro como um polo de convergência, enquanto

[3] No original: sont des systémes de representation complexes de proprietés physico-culturelles, c'est-à-dire des proprietés d'objet issues de manipulations nécessairement prises à l'cultures et, de ce point de vue, parler de notion c' est parler de problémes qui sont du ressort de disciplines qui ne peuvent pas être remanées uniquement à la linguistique (Culioli, 1990, p. 50).

o gradiente permite representar as zonas intermediárias entre aproximação e afastamento. Nas palavras de Rezende (2000):

> O domínio nocional evoca a ideia de conteúdo de pensamento, por um lado, reunindo objetos de conhecimento e, por outro, colocando-os em relação para efetivamente representar uma certa relação entre eles. Essa relação será sempre aquela que o enunciador escolhe. Isso implica em um esquema: objetos são escolhidos, propriedades lhes são atribuídas, e finalmente o conjunto é composto, organizado, estruturado. O resultado vai se traduzir segundo uma certa composição de significações delimitadas em relação a outras (não delimitadas). Podemos, então, falar em fronteira, interior e exterior de um domínio. Tudo isso é focalizado em direção a um ponto de vista cognitivo, em direção a uma espécie de centro do domínio, que será o alto grau da noção (Rezende, 2000, p. 104).

Essa organização não deve ser tomada como uma escala objetiva e previamente dada. Trata-se de uma reconstrução do linguista a partir das relações observáveis nos enunciados. Em outras palavras, quando afirmamos que uma ocorrência se encontra mais próxima ou mais distante do centro de um domínio nocional, estamos descrevendo o efeito das operações de diferenciação e identificação que organizam os valores em uma situação enunciativa.

Advogamos que compreender o que se concebe por noção e domínio nocional é fundamental para a análise de *fuck* e *fucking*. Se tomássemos a forma inglesa como equivalente de uma única unidade linguística da língua portuguesa, perderíamos justamente aquilo que o corpus explicita: a unidade se atualiza de diferentes maneiras em função das condições enunciativas. O trabalho analítico consiste, portanto, em reconstruir as regularidades que sustentam o funcionamento da unidade nas diferentes ocorrências e, simultaneamente, explicar as condições enunciativas que orientam a construção e a estabilização provisória de seus valores em cada ocorrência.

Regulação, construção de sentidos e a tradução interlínguas

A atividade de regulação consiste na construção de ajustamentos entre os sujeitos da enunciação, nos planos de representação e de referenciação. De acordo com Culioli:

> A regulação representa um papel central na atividade de linguagem: (1) o sistema de autorregulação através da reflexão inconsciente (tanto quanto da consciente) em sua própria atividade de linguagem, portanto um processo de deformação e transformação sem fim; (2) a regulação intersubjetiva consiste no ajuste de quadros de referência e representações, validando uma relação com um estado de coisas ou uma classe de estado de coisas (Culioli, 1990, p. 181).[4]

Na tradução interlínguas, a regulação assume uma dimensão específica, pois não há, necessariamente, uma correspondência automática entre as unidades das línguas envolvidas. Traduzir implica reconstruir, na língua de chegada, as relações que participam da construção do sentido no enunciado de partida e reorganizá-las por meio de novos agenciamentos. A tradução constitui, assim, uma nova situação de enunciação, na qual as

[4] Regulation plays a central role in language activity: (1) the system is self-regulated through the subjects'unconscious (as well as conscious) reflexion on their own language activity, hence a never-ending transforming and deforming process; (2) intersubjective regulation consists in adjusting frames of reference and representations, in validating an utterance with respect to a state of affairs or a class of states of affairs [...] (Culioli, 1990, p. 181).

escolhas realizadas pelo tradutor participam de uma nova estabilização temporária do sentido.

A partir da TOPE, assumimos neste artigo a tradução como uma atividade de reconstrução enunciativa. Não se trata de negar a existência de correspondências entre línguas, mas de recusar que elas, por si mesmas, sejam suficientes para explicar o processo de construção de sentido. Como formula Culioli (1990), não há correspondência termo a termo entre as unidades linguísticas de uma língua e categorias invariantes presentes em todas as línguas. Essa proposição, embora formulada no âmbito da descrição das línguas, oferece um ponto de partida pertinente para pensar a tradução.

Nos enunciados analisados, essa não correspondência se explicita nas diferentes soluções encontradas na língua de chegada. A unidade *fuck* é reconstruída, conforme a ocorrência, por marcas como *foder*, *fodido*, *puto*, *puta merda* e *droga*, além de apresentar casos de apagamento na legendagem. *Fucking* apresenta comportamento semelhante, sendo reconstruído por formas como *porra*, *merda*, *caralho*, *fodido* e *puto*, além de numerosas omissões. A diversidade dessas soluções não constitui um ruído do processo tradutório; ela constitui, precisamente, o fenômeno a ser analisado.

A análise parte das ocorrências de *fuck* e *fucking* e das relações que se estabelecem em seus respectivos cotextos. Em cada ocorrência, buscamos apreender as operações de linguagem que participam da construção e da estabilização temporária do sentido. O confronto entre as versões original, dublada e legendada permite observar como essas relações são reorganizadas na passagem de uma língua a outra e como diferentes marcas linguísticas participam dessa reconstrução.

Esse procedimento permite deslocar a pergunta "qual é a tradução de *fuck*?" para uma pergunta mais produtiva para essa pesquisa: "que valor de *fuck* está sendo construído nesta ocorrência e por que a língua de chegada o reconstrói por meio desta forma?". A segunda pergunta não procura uma resposta única. Ela busca explicar a regularidade que atravessa soluções aparentemente distintas.

As frequências apresentadas a seguir têm função descritiva. No caso de *fuck*, a dublagem apresenta três ocorrências com *foder* e derivados, duas com formas relacionadas a *puto*/*puta*, uma com *droga* e uma com *merda*. Na legendagem, observam-se duas omissões e cinco soluções lexicalizadas, distribuídas entre *ferrar*, *danar*-se e *diabos*. No caso de *fucking*, a dublagem apresenta 11 ocorrências de *porra*, enquanto a legendagem registra 17 omissões. Esses números não definem o domínio nocional, mas tornam visível a tendência de cada modalidade.

Passemos para as nossas análises.

Fuck e *fucking* em tradução: uma análise enunciativa

> A atividade linguageira implica sempre voltar à origem, ao plano de indistinção dado pela linguagem, através de uma invariante dinâmica, e se apropriar de uma trajetória original de construção de conteúdo (Pria, 2019, p. 10).

A seguir, reproduzimos as ocorrências que sustentam a análise. Mantemos a oposição entre dublagem e legendagem porque ela permite observar, para uma mesma situação de partida, diferentes processos de reconstrução na língua de chegada.

Quadro 1 – Ocorrências de fuck

Ocorrência com fuck	Dublagem	Legendagem
Let's fuck	Vamos foder.	Bota pra ferrar
Fuck the clientes	Fodam-se os clientes	Danem-se os clientes
Holy fuck	Puta merda	Merda
Who the fuck has the god damn gall to call this house on a Tuesday night?	Quem é o puto que tem a audácia de ligara pra essa casa numa noite de terça?	Quem diabos tem a maldita audácia de ligar para esta casa terça à noite?
Fuck	Droga	Ø
What the fuck are these imbeciles doing?	Que merda esses idiotas estão fazendo?	Ø O que há com esses idiotas?
I'm fucked up	Eu tô fodido	Eu tô chapado Ø

Fonte: os autores

O quadro 1 explicita que *fuck* não estabelece uma relação de correspondência estável com uma única forma na língua portuguesa. As diferentes soluções encontradas nas versões de dublagem e legendagem não constituem, contudo, uma dispersão aleatória. Elas resultam das relações que a unidade estabelece com os demais elementos do enunciado e das operações mobilizadas em cada ocorrência. A análise, portanto, não busca determinar uma tradução para *fuck*, mas reconstruir as operações que permitem compreender sua realização em diferentes configurações enunciativas.

"**Let's fuck**" constrói uma convocação à ação conjunta, cuja orientação não é determinada pelo valor lexical isolado de *fuck*. É a relação entre *let's*, *fuck* e a situação enunciativa que permite reconstruir uma disposição para agir de forma intensa e sem contenção. A tradução "vamos foder" não precisa, portanto, ser interpretada a partir do valor sexual frequentemente associado ao verbo *fuck* fora dessa ocorrência. O que se estabiliza temporariamente na língua de chegada é a relação de convocação e engajamento construída no enunciado.

Em **"Fuck the clients"**, a unidade *fuck* participa de uma construção dirigida a *the clients*, produzindo uma tomada de posição do enunciador em relação ao grupo referido. A construção não atualiza *fuck* como predicado de uma ação a ser realizada sobre os clientes, mas como marca de rejeição da relação estabelecida com esse referente. Na dublagem, **"Fodam-se os clientes"** reorganiza essa relação em português por meio de uma construção pronominal que mantém a orientação dirigida aos clientes. A identificação entre as duas ocorrências não está, portanto, na simples correspondência entre *fuck* e *foder*, mas na manutenção da relação de rejeição construída no enunciado. A diferença está na forma como cada língua organiza essa relação: o inglês realiza a construção por meio de *fuck* + *the clients*, enquanto o português mobiliza *foder* com o pronome *se*.

Em **"Holy fuck"**, a organização é outra. *Fuck* não ocupa a posição de predicado verbal nem estabelece uma relação com um argumento como nas ocorrências anteriores. A unidade participa de uma construção exclamativa constituída pela associação entre *holy* e *fuck*. A tradução **"puta merda"** não reproduz a composição formal do inglês, mas constrói em português uma nova associação capaz de estabilizar temporariamente a configuração exclamativa. Na legendagem, **"merda"** reduz a extensão da marcação linguística, eliminando *holy*, sem eliminar a construção exclamativa. A diferença entre **"puta merda"** e **"merda"** não pode, portanto, ser reduzida à presença de mais ou menos

"ofensividade". Trata-se de diferentes organizações materiais da mesma situação enunciativa, realizadas sob condições distintas de reconstrução.

Em **"Who the fuck has the god damn gall..."**, *fuck* integra a construção interrogativa introduzida por *who*. A questão não se restringe à identificação do indivíduo referido pelo pronome interrogativo: a configuração enunciativa também marca uma posição do enunciador diante daquele que é colocado como responsável pela situação. A presença articulada de *fuck* e *god damn* participa dessa construção, afastando a interrogativa de uma busca neutra por identificação. Na dublagem, **"puto"**, e na legendagem, **"diabos"**, não constituem equivalentes lexicais de *fuck*. Cada forma reorganiza a relação construída na interrogativa em português. O que se identifica entre as versões é a construção de uma interrogativa acompanhada de uma tomada de posição do enunciador; o que se diferencia é a maneira como essa relação é marcada linguisticamente em cada modalidade.

Em **"Fuck"**, a unidade linguística *fuck* constitui uma ocorrência cuja construção não se apoia em uma relação predicativa explicitamente marcada por outros elementos. Sua estabilização temporária depende, assim, da articulação entre a unidade, o cotexto e a situação de enunciação. Na dublagem, **"droga"** materializa linguisticamente essa ocorrência em português. Na legendagem, a unidade é apagada. A diferença entre as duas soluções explicita um processo de regulação: em uma, a relação é novamente marcada por uma unidade linguística; em outra, sua reconstrução é deixada a cargo da articulação entre o enunciado e a situação.

Em **"What the fuck are these imbeciles doing?"**, *fuck* participa da construção interrogativa articulada por *what* e pela relação predicativa *these imbeciles are doing*. Sua contribuição não pode ser dissociada dessa organização. A dublagem, **"Que merda esses idiotas estão fazendo?"**, mantém a organização interrogativa e realiza *fuck* por meio de outra unidade linguística. A legendagem, **"O que há com esses idiotas?"**, reorganiza a própria relação predicativa. A identificação entre as soluções encontra-se na relação construída com os referentes; a diferenciação decorre da maneira como essa relação é novamente construída em português.

Em **"I'm fucked up"**, a unidade linguística *fuck* participa da construção *fucked up*. A análise, portanto, não pode isolá-la de *up*, pois é a articulação entre os elementos que permite reconstruir a relação predicativa estabelecida com *I*. Na dublagem, **"Eu tô fodido"** mantém uma proximidade formal com a unidade de partida. Na legendagem, **"Eu tô chapado"** realiza a construção por meio de outra unidade linguística. A identificação entre as soluções não está na forma empregada, mas na relação que se constrói entre o sujeito e o estado atribuído a ele.

Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 2 – Ocorrências de fucking

Ocorrência com fucking	Dublagem	Legendagem
You can save the fucking spotted owl with Money	Você pode salvar a porra da coruja pintada	Pode salvar a Ø coruja pintada com dinheiro
And don't pick up your fucking head until 1h.	só levante a porra da cabeça depois das 13.	e não levante a Ø cabeça até 1h.
Pick up the cook fucking phone.	pega essa porra de telefone.	Atenda a merda do telefone.
Fucking rich We care about is getting fucking rich.	ficar rico pra caralho.	Só queremos saber de ficar rico Ø.

Fucking shit	Puta que pariu	Bela merda
I just met this fucking guy.	eu acabei de conhecer essa porra desse cara.	Eu tinha acabado de conhecê-lo Ø
Is this a great fucking company or what?	Essa é uma merda do caralho ou não?	Ø é uma grande empresa ou não?
A lot of having a kid, or whetever, takes risk, whether you're fucking cousin or not.	seja da porra de um primo ou não.	Ter filhos é um risco, sendo Ø primos ou não.
Fucking crack Smoke some fucking crack with me, bro.	fuma essa porra de crack.	Fume um pouco Ø de crack comigo.
You're a bunch of fucking sleazy salesman.	bando de vendedores de merda.	São um bando de vendedores repulsivos. Ø
The fucking halfwit	Imbecil fodido	Imbecil Ø
We're gonna get fucking nuts?	Vai ficar muito puto não é mesmo?	E se se machucar o que acontece? Ø
A fucking iate	A porra de um iate	Ø um iate
What fucking burden	Que fato fodido	Ø que fardo
Get out of the fucking car.	Você, cai fora dessa porra desse carro.	Sai da droga do carro.
The fucking hero	Merda do herói	Ø
You look like a Fucking imbecile	Parece um imbecil de merda	Parece um imbecil
Fucking cheap fucks	Pobres fodidos	Pés-rapados Ø
A total Fucking hatched job	Uma porra de um artigo pra acabar comigo	Um maldito Ø trabalho de difamação.
Has anybody Fucking seen Rhonda?	Alguém viu a porra da Rhonda?	Alguém viu a Ø Rhonda?
Let's Fucking run	Vamos correr porra	Vamos correr Ø

Fonte: os autores

As 21 ocorrências de *fucking* permitem observar que a unidade linguística não se estabiliza por meio de uma única marca na língua de chegada. Na dublagem, *porra* corresponde a 11 ocorrências, enquanto, na legendagem, 17 ocorrências não apresentam uma unidade linguística correspondente. Esses dados indicam diferentes processos de reconstrução, que precisam ser compreendidos a partir das relações estabelecidas em cada enunciado.

Em **"the fucking car"**, a construção se organiza em torno de uma ocorrência de *car*, delimitada por *the*. A inserção de *fucking* modifica a relação estabelecida com essa ocorrência, introduzindo uma determinação qualitativa que não pode ser dissociada da construção nominal. A dublagem, **"essa porra desse carro"**, não reproduz a organização do sintagma inglês. Ela produz uma nova configuração em que *porra* e *desse carro* estabelecem relações próprias. A identificação entre as duas sequências não está, portanto, na correspondência entre *fucking* e *porra*, mas na possibilidade de reconstruir a relação qualitativa estabelecida em torno da ocorrência de *car*.

Em **"a fucking yacht"**, ocorre uma organização semelhante. *Yacht* constitui a ocorrência nominal sobre a qual se estabelece a determinação introduzida por *fucking*. Em **"a porra de um iate"**, a língua de chegada reorganiza essa determinação por meio

de outra construção. A passagem de *fucking yacht* para *porra de um iate* mostra que uma mesma relação pode ser reconstruída por diferentes agenciamentos. A forma empregada na tradução não é, assim, determinada pela forma de partida, mas pelas possibilidades de construção oferecidas pela língua de chegada.

Em **"fucking rich"**, a relação se estabelece entre uma ocorrência e a propriedade *rich*. A unidade linguística *fucking* intervém nessa relação, alterando a maneira como a propriedade é construída. A dublagem, **"ficar rico pra caralho"**, reorganiza essa operação por meio de *pra caralho*. Já em **"fucking shit"**, traduzido por **"puta que pariu"**, a unidade participa de outra configuração. A diferença entre as duas soluções decorre, portanto, das relações construídas em cada ocorrência, e não da existência de diferentes equivalentes para uma mesma unidade.

Em **"what fucking burden"**, a unidade linguística participa da construção nominal introduzida por *what*. A tradução **"que fato fodido"** reorganiza essa construção por meio da atribuição de uma propriedade a *fato*. A identificação entre as duas ocorrências não se encontra na manutenção da forma *fucking*, mas na possibilidade de reconstruir a relação pela qual a unidade nominal é qualificada. A diferenciação decorre do modo como cada língua organiza essa relação.

A ocorrência **"fucking sleazy salesman"** permite observar a sobreposição de operações. *Salesman* constitui uma ocorrência nominal à qual *sleazy* atribui uma propriedade. *Fucking* intervém sobre uma relação que já se encontra construída, modificando sua organização qualitativa. Na dublagem, **"bando de vendedores de merda"**, a reconstrução desloca essa propriedade para a construção *de merda*. Na legendagem, **"um bando de vendedores repulsivos"**, a propriedade é novamente construída por *repulsivos*. Não há, portanto, uma unidade portuguesa que corresponda a *fucking* em todas as ocorrências. Há diferentes formas de reconstruir a relação produzida pela sequência.

O apagamento observado na legendagem evidencia uma outra possibilidade de reconstrução. Em **"You look like a fucking imbecile"**, a legenda **"Parece um imbecil"** não apresenta uma marca correspondente a *fucking*. A relação predicativa, contudo, permanece construída entre *you* e *an imbecile*. O que se modifica é a maneira de marcar linguisticamente essa relação. A unidade presente no enunciado de partida deixa de ser atualizada por uma marca específica na língua de chegada, o que constitui uma possibilidade de regulação no processo tradutório.

Passemos para a nossa síntese conclusiva.

Uma síntese do funcionamento da unidade fuck/fucking

A análise das ocorrências de *fuck* e *fucking* explicita que suas possibilidades de tradução não decorrem de correspondências lexicais estáveis, mas das relações que as unidades linguísticas estabelecem em cada ocorrência. Em *fuck*, a variação entre foder, fodido, puto, puta merda, droga, merda e o apagamento decorre das diferentes configurações predicativas e enunciativas em que a unidade participa. Em *fucking*, porra, merda, caralho, fodido, puto e o apagamento resultam, igualmente, de diferentes formas de reconstrução das relações estabelecidas nas ocorrências.

O confronto entre dublagem e legendagem explicita que uma mesma operação pode ser reconstruída por diferentes unidades ou mesmo sem uma unidade linguística correspondente. A identificação entre as ocorrências não está, portanto, na manutenção das formas, mas nas regularidades que permitem relacioná-las; a diferenciação decorre das operações realizadas em cada configuração. Desse modo, a análise explicita que a tradução interlínguas constitui uma atividade de regulação e reconstrução, na qual as

relações construídas no enunciado de partida são reorganizadas na língua de chegada e novamente construídas e estabilizadas temporariamente.

Considerações finais

Propusemos neste artigo, com base na TOPE, analisar o funcionamento das unidades linguísticas *fuck* e *fucking* em situações de tradução interlínguas do inglês para o português brasileiro, a partir de ocorrências retiradas do filme *O Lobo de Wall Street*, dirigido por Martin Scorsese, e confrontadas em suas versões de dublagem e legendagem.

As análises permitiram explicitar que as diferentes ocorrências de *fuck* e *fucking* se organizam por meio de relações de identificação e diferenciação que não se mantêm de forma idêntica na passagem de uma língua a outra. A tradução desloca essas relações para novas configurações predicativas e enunciativas, nas quais as unidades da língua de chegada passam a participar de outros agenciamentos. A partir dessas regularidades e diferenciações, foi possível reconstruir a organização dos domínios nocionais de *fuck* e *fucking*, não como conjuntos de equivalentes, mas como espaços organizados pelas diferentes possibilidades de determinação das unidades em suas ocorrências.

REFERÊNCIAS

ARROJO, R. **Oficina de Tradução**: a teoria na prática. São nPaulo: Editora Ática, 1986.

BASSNETT, S. **Estudos de tradução**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: opérations et représentations. Paris: Ophrys, 1990. v. 1.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: domaine notionnel. Paris: Ophrys, 1999b. v. 3.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: formalisation et opérations de repérage. Paris: Ophrys, 1999a. v. 2.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**. Tome IV. Tours et detours. Limoges: Lambert-Lucas, 2018.

CUMPRI, M. L. **Da noção ao texto**: um estudo enunciativo da produção textual. 2008. 124 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.

PRIA, A. D. **Para um direcionamento do estudo do adjetivo**: os processos enunciativos de variação semântica de "falso". Araraquara, SP, 2009. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, 2009.

PRIA, A. D. A interação do verbo suporte DAR com os processos de construção da significação no português brasileiro. In: **Delta**, v. 3, n. 2, 2019.

REZENDE, L. M. **Léxico e gramática**: aproximação de problemas linguísticos com educacionais. 2000. Tese (livre-docência). - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2000.